

Emergência climática e vulnerabilidades no jornalismo: noticiabilidade e fontes na cobertura do G1 entre 2020-2024¹

Simony Grave²

Cláudia Herte de Moraes³

Universidade Federal de Santa Maria - UFSM

RESUMO

Este estudo analisa como o Portal G1 aborda a emergência climática em sua cobertura jornalística, com ênfase nas interseções entre mudanças climáticas, direitos humanos e vulnerabilidades sociais. A pesquisa adota uma abordagem qualitativa, com base em revisão bibliográfica e análise de 128 reportagens coletadas a partir da pesquisa avançada no Google. A investigação articula critérios de noticiabilidade, tipologia das fontes e categorias temáticas indutivas, fundamentando-se nos referenciais teóricos do Jornalismo Ambiental e da Análise de Discurso de orientação francesa. Os resultados indicam predomínio de reportagens com foco em aspectos socioeconômicos, alta presença de fontes institucionais e especializadas, e baixa representatividade de marcadores sociais como raça, gênero e faixa etária. Conclui-se que há uma tendência à homogeneização dos impactos das mudanças climáticas, com pouca inclusão de vozes vulnerabilizadas. Recomenda-se uma cobertura jornalística que incorpore uma perspectiva mais plural e interseccional, de modo a evidenciar as experiências dos grupos historicamente mais impactados pela crise climática.

PALAVRAS-CHAVE: Jornalismo Ambiental; Vulnerabilidades; Noticiabilidade; Análise de Discurso; Fontes.

INTRODUÇÃO

A emergência climática é um dos principais desafios contemporâneos, exigindo respostas articuladas entre ciência, política públicas e comunicação (Loose e Girardi, 2017). Esse trabalho busca compreender como a cobertura jornalística do Portal G1 representa essa crise, com atenção às interseções entre mudanças climáticas, direitos humanos e vulnerabilidades sociais. A análise centra-se nos critérios de noticiabilidade e no uso de fontes, partindo da premissa de que estes elementos colaboram para a construção discursiva da crise climática na mídia. A relevância do estudo se justifica pela escassez de abordagens que integram perspectivas interseccionais na cobertura ambiental, mesmo diante da crescente urgência de se compreender as desigualdades sociais como parte do desafio climático (Moraes, 2022).

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho Comunicação, divulgação científica, saúde e meio ambiente, evento integrante da programação do 24º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 3 a 5 de julho de 2025.

² Estudante de Graduação 5º semestre do Curso de Jornalismo da UFSM-FW e bolsista FIPE email: simony.grave@acad.ufsm.br

³ Professor do Curso de Jornalismo da UFSM-FW, email: claudia.moraes@ufsm.br

A abordagem teórica adotada foi a qualitativa, de natureza aplicada, utilizando do método de pesquisa bibliográfica como procedimento metodológico. (Minayo, 2011). A coleta de dados foi realizada por meio da pesquisa avançada do Google, utilizando palavras-chaves que norteiam a pesquisa: Mudanças climáticas; Aquecimento global; Emergências Climáticas; Desigualdade Social; Desigualdade Racial; Vulnerabilidades; Desigualdade econômica; Desigualdade de Gênero; Racismo Ambiental.

Para analisar a cobertura jornalística do G1, o estudo se ampara no conceito de Jornalismo Ambiental (JA). Conforme Loose e Girardi (2017), o JA transcende a mera cobertura temática, buscando colaborar para o esclarecimento público sobre questões ambientais complexas e suas implicações sociais. Filiado ao grupo *O Globo*, o G1 está no ar desde 2006 e se apresenta como o maior portal de notícias e líder de audiência digital do Brasil, com relevância significativa na cobertura jornalística nacional. (Portal G1, 2024).

JORNALISMO AMBIENTAL E A ANÁLISE DE DISCURSO

Segundo Belmonte (2017), o Jornalismo Ambiental (JA) surgiu na década de 1960 na Europa, posteriormente nos Estados Unidos e, no Brasil, com as primeiras iniciativas apareceram durante a Ditadura Civil-Empresarial-Militar (1964-1985). O JA tem como função central qualificar o debate político sobre questões ambientais complexas, aproximando ciência e cidadania (Loose e Girardi, 2017). Desempenha papel fundamental ao disseminar informações qualificadas, capazes de sensibilizar a sociedade sobre os problemas ambientais no país e no mundo, além de alertar sobre as consequências da banalização das emergências climáticas (Moraes, 2015).

Neste estudo, a análise fundamenta-se nas perspectivas da Análise de Discurso de linha francesa (Orlandi, 2007), que compreende a linguagem como produção de sentidos ancorada em condições históricas e ideológicas. A autora destaca que é necessário ultrapassar a “transparência da linguagem” para construir um dispositivo analítico que permita compreender o viés editorial do jornal e os sentidos produzidos nas matérias. Os critérios de noticiabilidade e a escolha de fontes são tratados como mecanismos de construção de sentidos no discurso jornalístico (Moraes, 2015).

ANÁLISE DAS REPORTAGENS DO G1

A coleta resultou em 128 reportagens. Foi realizada uma leitura exploratória, classificando os conteúdos de acordo com a interseccionalidade entre emergência climática e vulnerabilidades. Segundo Moraes (2015), o enquadramento confere o “tom do discurso”; nesse sentido, buscou-se compreender a angulação e a ênfase das matérias a partir de categorias temáticas indutivas, elaboradas com base nas mensagens das notícias, especialmente na repercussão do Sexto Relatório do IPCC, que incluiu temas como direitos humanos e justiça climática (Moraes, 2022).

Quadro 1: Protocolo de pesquisa e categorização (vulnerabilidade)

Categoria	Descritivo	Número de reportagens
Socioeconômico	Causas e consequências das mudanças climáticas. Emissão de gases, fábricas e indústrias com queima de combustíveis fósseis, mineração, desmatamento, queimadas, emissões de transportes, produção de alimentos (fertilizantes, adubo, gado), poluição do solo, aquecimento de prédios, alto consumo de roupas, plásticos e eletrônicos.	116
Vulnerabilidade humana	Perdas e danos, dificuldades de adaptação, regiões vulneráveis, desequilíbrio sistêmico, aspectos de risco e perigo generalizado aos humanos.	82
Água e saneamento	Escassez de água potável; aumento das inundações e do nível do mar, estiagens, secas.	56
Moradia	Dificuldades em moradias seguras e saudáveis, migrações, eventos extremos.	25
Raça e etnia	Diferenciação de vulnerabilidades por raças e etnias, racismo ambiental.	11
Alimentação	Insegurança alimentar, mudança de hábitos, agropecuária.	10
Saúde	Impactos na saúde, aumento de zoonoses e doenças respiratórias.	8
Etária	Impactos e riscos para jovens e idosos.	4
Gênero	Diferenciação de vulnerabilidades por gênero.	3
Educação	Impactos e desafios na educação.	1

Fonte: Moraes (2022, p. 686)

Verificou-se a predominância da categoria “socioeconômica”, evidenciando uma tendência em vincular as emergências climáticas a fatores estruturais e econômicos. Categorias como gênero, raça/etnia e faixa etária tiveram representatividade significativamente menor.

Após a categorização das vulnerabilidades, analisou-se a noticiabilidade das matérias. Segundo Traquina (2005, p. 75), os critérios de noticiabilidade são “qualidades da construção da notícia que funcionam como linhas-guia para sua apresentação, sugerindo o que deve ser omitido e o que deve ser priorizado na construção do acontecimento.”

Quadro 2 - Critérios de noticiabilidade.

Critério	Descrição	Números de Reportagens
Relevância	Possui alto impacto na vida das pessoas.	73
Notoriedade	Atrelado a pessoas ricas e famosas.	30
Notabilidade	O que é visível.	30
Infração	Violação das regras/ leis.	19
Tempo	Atualidades ou efemeridades	17
Morte	A morte é um valor-notícia fundamental	12
Novidade	Refere-se à recência.	12
Conflito ou controvérsia	Violência física ou simbólica.	9
Proximidade	Proximidade geográfica ou culturais são elementos importantes para um acontecimento se tornar notícia.	4
Inesperado	Acontecimento que surpreende.	3
Escândalo	Irregularidades	3

Fonte: Adaptado de Traquina (2005)

A predominância de critérios como “relevância” e “notoriedade” evidencia a busca por maior apelo noticioso, muitas vezes em detrimento de uma abordagem mais aprofundada das interseccionalidades.

Outro aspecto essencial foi a análise das fontes jornalísticas utilizadas, conforme a classificação proposta por Schmitz (2011).

Quadro 3 - Classificação das fontes

Grupo da fonte	Descrição	Número de reportagens
Institucionais	A fonte institucional representa uma organização sem fins lucrativos ou grupo social.	124
Especializada	São especialistas, peritos ou intelectuais.	105
Oficial	As fontes oficiais são pessoas que ocupam uma função ou cargo público, como os poderes executivo, legislativo e judiciário, ou, organizações agregadas, como juntas comerciais, cartórios de ofício e companhias públicas.	56
Referência	A fonte de referência é a bibliografia, documento ou mídia que o jornalista consulta.	40
Testemunhal	A fonte testemunhal é aquela que participou ou observou, atua representando o que viu ou ouviu.	19
Individual	A fonte individual é uma pessoa comum, uma personalidade política, cultural, artística ou um profissional liberal, e fala representando a si mesma.	16
Empresarial	Representante de uma corporação empresarial da indústria, comércio, serviços ou do agronegócio.	7

Fonte: Adaptado de Schmitz (2011)

O predomínio de fontes institucionais e especializadas reforça a credibilidade técnica, mas limita a diversidade de vozes, especialmente as de sujeitos diretamente impactados pela crise climática.

A análise revela que o discurso jornalístico tende a reforçar perspectivas específicas sobre as mudanças climáticas. Há uma priorização de critérios como relevância e notoriedade, em detrimento da abordagem interseccional das vulnerabilidades sociais. A categoria “socioeconômica” é a mais recorrente, indicando uma associação frequente entre emergências climáticas e fatores estruturais. Em contrapartida, aspectos como gênero, raça/etnia e faixa etária aparecem de forma marginal, o que limita a visibilidade de grupos historicamente vulnerabilizados. Por fim, predominam fontes institucionais e especializadas, conferindo credibilidade técnica, mas reduzindo a diversidade de vozes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As reportagens analisadas demonstraram tendência à homogeneização das experiências diante das emergências climáticas, desconsiderando a complexidade das vulnerabilidades sociais. O discurso centrado em aspectos socioeconômicos, noticiabilidade voltada ao impacto que nem sempre incluem as interseccionalidades, com predomínio de vozes autorizadas. Desta forma, reforça o pouco espaço para trazer os impactos diferenciados sobre mulheres, populações negras, indígenas e juventudes. Portanto, com base na ideia de uma cobertura complexa das temáticas ambientais advindas dos estudos de Jornalismo Ambiental, recomenda-se ser necessário equilibrar a presença de especialistas com a inclusão de vozes vulnerabilizadas, com isso se afasta de uma visão tecnocrática e se aproxima das comunidades mais afetadas e suas reais necessidades que devem pautar o enfrentamento às mudanças climáticas.

REFERÊNCIAS

- BELMONTE, Roberto Villar. Uma breve história do jornalismo ambiental brasileiro. **Revista Brasileira de História da Mídia**, v. 6, n. 2, p. 110-125, 2017. Disponível em: <https://comunicata.ufpi.br/index.php/rbhm/article/view/6656>.
- LOOSE, Elisa.; GIRARDI, Ivone. **O Jornalismo ambiental sob a ótica dos riscos climáticos**. Interin. v. 2, n.2, p. 154–172, 2017.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza et. al(org). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 2011.
- MORAES, Cláudia Herte de. **Entre o clima e a economia**: enquadramentos discursivos sobre a Rio+20 nas revistas Veja, IstoÉ, Época e Carta Capital. Tese (Doutorado em Comunicação e Informação) – Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2015.
- MORAES, Cláudia Herte de. **Capítulo 39 -Cobertura sobre mudanças climáticas no Brasil: os direitos humanos como tópico da repercussão do IPCC-AR6**. In: PRIETO, Victoria Garcia ZAMBRUNO, Laura Manzano (Orgs.). *PENSAR EL PODER: DERECHOS HUMANOS Y HERRAMIENTAS COMUNICATIVAS*. 1º. Madrid: Dykinson S.L., 2022. p. 674-693.
- ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise do discurso: princípios e procedimentos**. 7. ed. Campinas, SP: Pontes, 2007.
- PORTAL G1. **Sobre o G1**. Disponível em: <https://g1.globo.com/institucional/sobre-o-g1.ghtml>. Acesso em: 04/10/2024
- SCHMITZ, Aldo Antonio. **Classificação das fontes de notícias**. Florianópolis, SC: UFSC, 2011.
- TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo, Volume I: Porque as notícias são como são**. Florianópolis: Insular, 2005.